

Terra

André Gaspar



elefante
editores 
2022

AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Sinopse

“Terra” é uma obra poética onde a literalidade é uma norma. Os poemas abordam temas como o aborrecimento ou o sonho. Uma escrita fluída e uma vontade inequívoca de dizer tudo sem quaisquer paragens para organização do pensamento.

É uma obra extremamente filosófica e contraditória onde se expõe calma e agressividade ao mesmo tempo, mas sobretudo uma noção de aceitação.

Discoteca

Na discoteca da vida tocam as sublimes tartarugas, lentas luzes intermitentes de carapaça.

E eu, dialogando na efémera colheita de quem sou, paio, o que faço é pairar, para que escreva o diálogo entre vários de várias freguesias mentais. A vida revelou-se um enorme sonho, ceifando com ela as algemas sociais, sacando os sociais pensamentos, tornando predileto o refúgio aqui.

Por isso vou escrevendo, e dançando sozinho na pista da loucura completa, sendo dúbio e controlado como qualquer outra coisa dúbia e controlada. O controlo que almejo é um descontrolo também ele completo, porque o que nasce no meu cérebro são ideias dispersas.

E o Universo contorcionista faz com que a língua o lamba e leve com ela toda a raridade do paladar do açafraão mental.

Sou um apaixonado por isto, é o que sei fazer, escrever, escrever, escrever, perder-me todo, explodir em palavras, sumir e aparecer em simultâneo, ser uno e o completo oposto de uno, ser um com aquilo que em fragmentos salta pelos quartos que semeio pelas janelas das quelhas do telhado, aduelas visíveis na impossibilidade.



Vem um camião derrubar a parede do politicamente correto. Vem uma turbina filtrar aquilo que sem sentido o faz. Vem um parapeito distorcer o som do cotovelo que nele se põe. Vem uma corrente de caudais, rios de ideias que brotam. Vem um passado lembrar todo o sonho que se possuiu. Vem uma lareira acender o fole de forja dos dedos, e então escrevo, escrevo o que vem...

Vem um sopro levando com ele a vela que derrete o instante. Vem uma fisga atirar as pedras, metáfora do sofrimento. Vem um amor impossível por tudo, por tudo o que existe, E então escrevo, escrevo o que vem...

Danço no que vem, tirando a carapaça às metáforas, e dançando nas luzes deste zoológico pensado. E as gazelas correm enquanto outros caçam e a passadeira, zebra de sensações, leva ao lugar onde me quis perder, enquanto escrever vou-me perder por completo, o descontrolo leva-me na viagem dos aviões meditados, como nuvens de fumo daquilo que medito, dito aqui. Aqui. Sempre estarei aqui.

Vou cobiçar o impossível e uma possível história futura. Vou acender balas, dar tiros em disparos e ver a rota da velocidade. Vou querer desbravar a roupa do vento e desabotoar os enredos de uma brisa, vou abanar o vaso, e cair em pedaços, aqui. Vou sumir nas sensações obtusas que invadem, desembarque dos sentidos nesta lagoa que em mim desembarca, âncora conturbada A bater no fundo, puxada para mostrar o barco do mundo no cimo. Vou abater a lira como um pássaro voa na pose móvel de um bater de asas, vou escrever o

movimento, e não existe lei que me pare, esquerda, direita, rotunda dada nas voltas de uma estátua que bebe café nos arredores do copo. Vou dissuadir os passos de passo-em-passo dando um salto. Vou ter ao paço da imortalidade de mão dada com a morte. Vou erguer toda a astúcia de um revólver premindo o dedo na letra. Vou saber o sabor da rota na calçada amarrotada, e com a boca construir o grito, vou pôr os alicerces na voz e gritar, capiteis berrados para que a catedral seja longínqua e bata nas ruínas dela. Vou dançar nesta discoteca onde tudo nasce e ferve como lume, vou largar as acendalhas e ver as fagulhas aqui.

Sempre estarei aqui, e enquanto existir escreverei. A paixão pela escrita é demasiada para que pare. Ninguém me para.

Vem um insólito retrato nos túneis de um espelho espelhado, vem uma paragem buscar as rifas da insensatez aos molhos, e eu ficando nela, aprecio a volta da sorte. Vem um manequim exhibir-se para que a montra se mostre. Vem uma dor como um cappuccino, a escrita é cana-de-açúcar. Vem desejo, vem paixão, vem amor. Tudo o que vem escrevo. Aqui. Sempre estarei aqui, e enquanto existir escreverei, pois sei que a discoteca vai fechar.

É isso, sou um apaixonado pela escrita. Sou um poeta extremamente apaixonado pela poesia.

Sou um enorme apaixonado pela discoteca.



Impossível

Ando a passear com os meus fones a ouvir música. Normal. Tudo seria normal se não o fosse. E até é para quem vê de fora.

– Olha lá vai o rapazito que costuma andar a passear por aqui. Normal.

Mas por dentro, por dentro tudo se distorce no impossível, por si só, assim mesmo, impossível.

Conheço muito bem, intimamente, o impossível. É já tudo o que penso. Impossível. Tão impossível como nada. Tudo na minha cabeça se evaporou em gotículas de impossível. Sonhos que têm tal forma, geometria, conteúdo e emoção que esboçam neles mesmos a impossibilidade do possível.

A normalidade exterior é a timidez da minha própria impossibilidade interior.

Existo além daquilo que vejo, daquilo que teoricamente existe, mas fundamentado por alicerces de teor impossível.

Para viver, e passear, como faço, tenho de acreditar que o meu impossível, ele mesmo, tal como existe, adjetivo dele mesmo, são todas as possibilidades infundamentadas onde me apoio, como capiteis, para que o meu telhado não caia, e tome o impossível por possível sem que me confunda.

Impossível.

É manter a lógica em dia

Ando pela rua como se não fosse maluco.

Existo e sei disso, e ando a reparar nas florescências gesticuladas, nos enigmas resolvidos em falas alheias, em olhares, por vezes, distantes. E a passear, normalmente, sem uma intervenção divina que me faça começar a cantar e a ir para o meio da estrada deitar-me em capôs de carros.

Confesso, apetece, mas como não sou maluco não o faço. Um segredo nosso. Já agora, sou maluco. Dizer que não o sou é enganar-me e cair na natureza comum do mundo atual e na cegueira das ilusões que nos rodeiam. A minha noção é demasiada para que saia fora da casca, dessa natureza, e comece de repente a disparatar sem motivo aparente. Motivos tenho eu, e muitos, tantos que é estranho não andar por aí, sendo conhecido como o maluquinho da cabeça.

Não preciso de um pretexto para dizer disparates. Nem os digo, apesar de ter diversos motivos para o fazer. Não, de todo, eu? Dizer disparates? Não, não, tenho conversas que mantêm toda a sequência lógica do mundo abstrato e ilusório onde vivemos. Raciocínio e educação são já as minhas maiores virtudes, longe de mim coagir-me no sentido de ter o pensamento desorganizado, eu? Não de todo, o meu pensamento desorganizadíssimo não é desorganizado.

Não, de todo. E agora, que já caí completamente numa ironia desmedida, vou acabar o poema. E ser maluco. Deixem-me ser maluco. Mas xiu, nada de atitudes de maluco, isso seria contra procedente, está fora de questão, não quero ser internado num manicómio.

É sorrir e acenar educadamente e manter a lógica em dia.

Não sei

Eu não sei, não sei mesmo. Sinto-me nas arestas do Universo a descambar para aquilo que é real.

E então caio, sem futuro ou sinónimos de felicidade. Sou um sujeito simpático que se perdeu da vida, as minhas qualidades caíram do bolso, estava roto sem que me apercebesse, e então venho aqui parar, a este lugar onde tudo me soa vã e onde me sinto com a cabeça a abanar como um peixe dentro da rede.

Não sei, a verdade é essa, eu não sei, não sei o quem que transpareço, e as emoções parecem-me robôs último modelo, os gestos soam-me a engenheiros da alma, e todas as índoles se contorcem numa realidade impossível que criei quando coloquei os binóculos para ver o mundo de lupa.

Não sei o que estou a fazer à minha vida, venho parar à escrita como um método que arranjei de estar vivo, um suicídio tímido é o que é.

Gosto de ver as pessoas a rir e namorados de mão dada, enche-me, e, no entanto, sinto um certo desprezo por isso tudo, tal é a apatia que me tece.

Olho para tudo como uma metáfora, uma teia de aranha é uma teia de aranha, e é também milhões de simbologias que me trocam as voltas ao sobre ela refletir.



Era um miúdo espetacular, cheio de sonhos, dentro do momento, caçador de risos, hoje não caço senão uma certa insensibilidade em relação a tudo e a todos.

As barbatanas abanam e eu todo me torço para uma fuga disto, mas ao aqui escolher ficar, coloco humidade nos pensamentos, e escrevo, como se poetar salvasse fosse o que fosse.

A verdade é que não me interessa conhecer mais ninguém, estar sozinho é já a minha maneira de existir e poder verter-me aqui como uma garrafa rompida ou uma poça de lama na qual o carro a alta velocidade passa.

Apático. Estou assim. Assim. Não sei.

A verdade é que não sei... só isso... não sei.

Abano.



Não vou fazer um escândalo

Não vou fazer um escândalo e atrapalhar a sociedade com os meus delírios pouco usuais. Não, longe de mim fazer um escândalo.

Era o que faltava comportar-me de acordo com aquilo que sou. Se me esvaísse todo na realidade o escândalo era certo, um não, muitos. Mas não, sou atinado, muito atinado. Prefiro largar-me aqui.

Pedras rolam, sirenes tocam, pessoas falam entre elas, oiço sons, explosões, estrépitos fantasmagóricos de teor impossível, estrondos alucinatórios, e isto tudo traduzir-se-ia num escândalo.

Mas como não sou maluco fora daqui, de quem sou para mim, ando atinado, sem causar acontecimentos dramáticos que mostrem algo que levaria a ouvir alheamente:

– Olha, o maluco!

Não, nada disso. Sou sim, mas não quero de todo que me achem isso. É manter-me atinado a enlouquecer completamente por dentro.

Aliás, enquanto enlouquecer será por dentro. Porque, como já disse, longe de mim fazer um escândalo. Não quero escândalos.



Fome

Todo o passeio me soa a fome de viver.

Às vezes dou por mim a dançar sozinho nas veredas por onde passo, e isso sabe bem como qualquer outra coisa que bem saiba, porque desinibir é o truque para estar livre e completamente feliz da vida.

Se felicidade eu sentisse. O que sinto é um mundo conquistado, daí que tudo me pareça estrangeiro e real ao mesmo tempo.

Fome. O que tenho é fome de conhecer tudo, saber tudo, engolir os sentidos em todos os instantes e não ficar com nada que falte sentir.

De facto, busco nas alucinações a verdade. E é nelas que me sinto eu. Quiseram-me medicar, o que senti foi que perdi a essência. Nunca mais tomo medicamentos, quero ser a minha essência, viver nela, e dá-la às pessoas com quem simpatizo, fora aquelas que amo obviamente.

O psiquiatra disse que tenho o pensamento desorganizado. Eu que tenho na cabeça cada sílaba por onde passeio. Não entendo. Talvez não tenha muito jeito para emoções, mas o pensamento está organizadíssimo.

Gostava de ser mais emocional, mas quando o sou, sinto-me um completo maluco. Controlo



tudo o que gira em mim ou à minha volta. Sou um obcecado pelo controlo. E todos os sonhos existem em mim como lógicas dispersas que encaixam na matéria. O mundo está dentro de mim, degustei-o para que o pudesse engolir de maneira pouco convencional.

Por isso olha, vou dançando e olhando para o horizonte como se de um repuxo se tratasse e a água fossem ondas de humor. O meu humor é uma incógnita. O que sinto em dada altura torna-se outra coisa, às vezes o oposto numa questão de segundos, daí que precise de estar atento, muito atento.

Atento a cada tocar no cabelo ou a qualquer movimento alheio que sinta. Atento a ti. Atento a mim. Atento a cada pensamento que abre a janela da casa onde moro.

A medicação é um palhaço. E eu sou demasiado sério para andar de nariz vermelho no nariz. Por isso alucino, muito.

Quero alucinar. Deixem-me alucinar por completo, e deslizar em tudo com os olhos de patins. Quero saciar a minha fome, esta fome. Fome, o que tenho é fome. Por isso passeio.

Todo o passeio me soa a fome de viver.

E enquanto alucinar andarei a dançar por aí...



Estou sóbrio e farto da realidade

Estou sóbrio e farto da realidade.

Estou muito sóbrio e isso achata a vida. Estar consciente da realidade é não me perder em loucuras pouco plausíveis, que desatinam sem desatinar, a minha realidade, e a entortam com pontes.

Daí que vá cair na erva, é quase uma obrigação, para que sinta que a realidade não é esta chatice comum que ensurdece sonhos.

A minha vontade é explodir e ficar completamente alucinado, uma fuga, sim, uma fuga de tudo que me permita vaguear em lugares bem mais interessantes do que esta realidade chatíssima repleta de rotinas, futilidades e mentiras.

Vou emigrar para as alucinações fugazes que apagam este cenário onde tudo são definições de tudo, e onde as pessoas estão agarradas às suas raízes de personalidade, sem desejo de descoberta delas mesmas.

A minha alma precisa de um copo de gim, com gelo se faz favor.

Por isso sinto que vou cair na erva.

Porque estou sóbrio e farto da realidade.



E assim nasce um poema

Não sei que mais dizer. Eu oiço música e amparado pela fluidez excessiva que me traça escrevo sem saber o que irei dizer.

Na realidade preciso de escrever sem intervenção daquilo que me prende. Digo o que quero, o que penso, o que sinto. E tudo brota como qualquer outra coisa que brote, dispensando metáforas com túlipas ou qualquer outra flor.

Vou até à praia e mil memórias aparecem, fluidas, e com elas sentimentos, mas esses sentimentos são desprovidos de emoção, são parados como uma pedra, frios como algo frio, duros como, ora, diamantes.

E eu ando nelas como uma colheita subconsciente que aterra em mim, içando-me para longe. Longe de toda a realidade absurda que se passa como um pião atravessa uma passadeira, atropelado pelo camião da vida.

Na verdade, não sei que mais te dizer, surjo no próprio surgimento de quem sou.

E ao ver uma luz empresas que não possuam a algo meu. Nada me prende a não ser as correias emocionais que apenas ausculto, médico do meu próprio bater de coração.

E assim nasce um poema.



O meu estado atual

1 de dezembro de 2021

Ando a dançar sozinho e a praticar equilibrismo com latas de cerveja na cabeça.

O meu estado: crítico.

As minhas feições flutuam perto do aparato mental, seguem a rota do trapézio. E eu, que de vez em quando ando em tronco nu de gravata não sei bem porquê, costumo ir para a varanda do mundo. Pensar tornou-se obsoleto.

Sigo a criação, e dentro dela nado nos rumos de todos aqueles que sou. A verdade é essa, vou explodir, vou ficar louco de uma vez e sei lá fazer o quê.

Provavelmente denegrir as normas éticas das leis europeias ou faltar ao respeito à nossa querida constituição. Não sei, mas estou a sentir-me louco.

Sinto demasiado, apaixono-me e ao tentar apagar sentimentos, segundo uma lógica, em princípio, inexistente, fico louco.

Sinto-me a rodar a maçaneta da loucura, a porta está bem ali, não sei o que me espera, mas o controlo esse, está a sumir como uma frente fria que atravessa o continente, ou pó depois de sacudido pelo pano.



O meu estado: crítico.

Podia tomar a medicação é certo. Mas quem seria eu se fosse, uma vez mais, controlado, mais vale enlouquecer de vez e dar a conhecer toda a panóplia emocional que carrego aos meus amigos.

Chega de controlo, vou enlouquecer, é isso, isso mesmo, vou ficar louco. Devagar vou desenhando aquilo que sem esboço se torna, loucura. No fundo a perda total do discernimento, e a rotura com a norma social vigente.

Cansei-me de pensar e até de alucinar, estou num estado para lá da realidade, mas também para lá do sonho. Algures na ponta de grafite do lápis do caos.

O meu estado: Isso mesmo, critico.

Mas ao escrever, sinto que aguento mais um tempo sem roturas que se amalgamem à realidade e a tornem algo produzido pelas impurezas da tola.

Bem, vou ficar louco. Era só isso que te queria dizer.

Nem sei se sairá uma obra de arte, um jeito específico de estar com os meus amigos, ou uma forma de me isolar totalmente a olhar para a parede.

O que sei é que o meu estado é critico e que estou a ficar louco.



Porque aqui sonhei

Venham colher a vida, isso, venha a morte e o contento que por ela sinto. Venha a vida no entretanto. Venham falar comigo, o meu silêncio é audível.

Tudo o retrato de tudo, tudo paralelo como uma rua a outra, e essa rua, sensação de que tudo é sonho, punge como um soco na realidade possível onde o impossível consumo.

Consumo toda a vida, e cabe em mim o mundo inventado, subtileza inaudível trincada pela boca do instante.

Tenho hoje vinte e oito anos e uma paixão incessante pela escrita, uma enorme paixão pela escrita que risca o que sonhe para mim fora dela, deixando-me a sós comigo na maior parte do tempo, porque escrevo, porque amo escrever, e é isso que quero fazer. Não, não tenho aspirações sem ser superar-me em cada poema, ir-me conhecendo devagar, depressa.

Apanhei a carruagem, e vou tropeçando nos degraus, enquanto tudo me arrasta para o chão inevitável, o derradeiro chão inevitável da morte.

Por isso, enquanto tropeço, escrevo e escrevo. E sonho, vou sonhando como uma despedida disto, é verdade, passei por aqui, estive aqui.



E um dia, talvez um dia, tudo isto que fui escrevendo chegue a olhos fora do meu tempo, talvez um dia exista mérito em vez da pocilga porque tomaram os meus versos. Ou não.

Ou isto seja apenas vão, e a borracha seja, também ela inevitável, mas pelo menos fica a sensação de que me besuntei pelas palavras e que me salpiquei como um esguicho de um pincel por aqui.

Vou embora, e isso coloca humidade nas pálpebras, como se debaixo da gaiola verificasse apenas o fundo da gaiola e nada mais do que o fundo da gaiola.

Quis voar, sonhei voar alto neste mundo, e oportunidade? Não houve. Nem, quem sabe haverá. Até lá, vou escrever porque amo escrever. E essa é a razão pela qual nunca serei algo maior do que por aqui fui,

Porque aqui sonhei. Porque aqui sonhei.



Estou cá e acolá

Estou cá, e acolá.

Ando na lua como se diz, de cabeça aérea como um avião que passa sem turbulência.

As coisas acontecem, e eu aconteço nelas, e a forma das coisas é a forma das coisas porque que outra forma teriam as coisas senão a sua forma.

E o mundo passa por mim, um ciclo, uma rotina que nem sequer chega a ser rotina, e os pensamentos chegam, dóceis, alucinatórios e brutos.

A vida tornou-se razão. As metáforas tornaram-se obsoletas, de tão óbvio se ter tornado o lugar onde estou.

Assisto a isto tudo com uma enorme calma... sonhei tanto com o impossível que não almejo nada que o seja, quero estar a sós com aquilo que é possível, e deixar-me chegar até onde o meu braço chega, falar em asas e pássaros é cair nas metáforas, e como disse, as metáforas são para mim obsoletas, como este mundo obsoleto que a minha vida me deu a conhecer.

E estou cá... e acolá... e a vida sucede-se, o tempo passa, pessoas riem, crianças brincam, discute-se política, a ganância dá o ar da sua graça em pessoas que me repugnam, e nem



sequer sinto repugnância por elas, aliás não sinto repugnância por nada, o que sinto é sobretudo aceitação, aceito quem sou, o que fiz... as minhas aspirações são nenhuma, que é quase um requisito para se ser poeta hoje em dia.

E estou cá. E acolá.



Aborrecimento

Tinha tantas emoções que o vaso caiu.

Caiu e partiu-se em mil peças que conheço. E olho para elas, e o tempo está a passar, coisa que sei, e é exata, e por isso, por ser exato como qualquer alucinação resolvida, torna a minha vida um enorme aborrecimento. Um enorme não, colossal, agigantado, titanesco aborrecimento.

Um tédio que trepo, uma escalada inglória que faço.

Desconheci tanto a realidade que agora, por sentir tudo tão real, caio em mim, como o vaso caiu. E nasce um aborrecimento do tamanho do Universo, ele mesmo, aborrecido.

Tantas filosofias que já fiz e que nunca serão ouvidas por ouvido humano, tantas histórias que passei, tantos amigos que fiz, tantos amores, tantas subtilezas que tentei transmitir, tantos risos, tantas fascinações e perplexidades. Costumava ficar extremamente fascinado com as mínimas coisas, acordado e emocional para a novidade do mundo, tanto que me fascinava o mundo. Tantos, tantos, tantas, tanto, e agora tanto, tanto, tanto, tanto, tanto, tanto, tamanho, tal aborrecimento.

Estou aborrecido, deixem-me estar aborrecido, sinto que resumi o Universo ao momento,



E o momento, esse, tornou-se aborrecido.

E as emoções que tive são hoje as porções do vaso que caiu, e eu, conhecendo as peças, olho para elas de modo aborrecido.

Prontinho para o próximo tédio eterno, o da campa, até lá, cheira-me que estarei aborrecido.



Calma

Ouvi milhares de vezes a mesma música. Ousei inaugurar novas lógicas para o mundo. Amei uma rapariga ao ponto de me querer suicidar.

Violenta maneira com que a intensidade me forrou, e hoje a calma chega, como se tudo estivesse no sítio certo, e eu não quisesse ser mais do que aquilo que sou, alguém finito que conheceu infinitudes, e esboçou na sua cabeça o infinito.

Alguém que quis explorar terrenos impossíveis de contornar, e que se perdeu na lama de alguns. E hoje sinto que tudo explorei, e ao mesmo tempo nada, só isso, nada.

Conheci tanta gente que não coube em mim. E explodi. Mas agora as pessoas que fui concebem uma só pessoa que a explosão tornou pó. E o pó é calma.

Diria que o que é preciso é ter calma, mas calma já tenho, uma abundante calma na abundância dela própria, calma.

Desbravei todo o mundo com uma vontade enorme de impossível, com a intensidade do impossível.

E agora o suicídio parece algo pouco intenso, comparado com a calma que sinto. Calma.



Imaginação

A minha imaginação explodiu. Verti tudo aquilo que sonhei na realidade, mas parece que a realidade não me ouviu, o que me entristeceria se a tristeza eu pudesse sentir. O que sinto derrota qualquer tristeza, ou qualquer sentimento que não seja um sentimento de dever cumprido, que é esse o saber que vivi intensamente tudo.

E então estou aqui, a escrever versos que sumirão na imensidão do que existirá, e sinto-me bem com isso, o futuro que venha colher a vida, os livros, e deixe-me aqui, com o presente, sabendo que tive um passado onde pude sentir de todas as maneiras tudo, e isso deixa-me contente, se contente eu me sentisse.

E a imaginação é hoje algo resolvido, e a sensação de que os enigmas com que me cruzei respondi da melhor maneira possível, e até impossível, provoca em mim uma plenitude que me deixa pleno e completo, e é por me sentir completo, que a minha imaginação pode, finalmente, descansar.



A ponte

Tantos pensamentos profundos em tudo.

«Vais pela ponte?» – disse uma pessoa. E a imensidão presente na pergunta criava em mim milhões de pensamentos desconexos. O que hoje sinto é a conclusão de que a realidade é a realidade, e dentro dela a minha realidade transparece milhões delas, e por ter consciência disso a desconexão tornou-se transparente, conexas.

E tudo o que oiço é a realidade e não a é, porque é a minha, que são várias. E nem o são, foram, sou hoje alguém que está agarrado a quem é, e apenas uma resposta surge sem que pense, e isso é agradável, porque o pensamento vai-se tornar arcaico com o tempo.

Fui pela ponte, uma travessia que julgava apenas mito
Aconteceu, e isso ser uma certeza faz com que a lógica apareça
Onde antes, algo ilógico pensara conceber,

E então os pensamentos profundos são parte de quem sou, e nada profundo sou, porque sou real.

Fora isso, sou-me real e profundo na realidade.

Vai pela ponte. Esta ponte.



Real e Irreal

Sinto que tudo está no lugar onde o seu lugar é.

Certo como é suposto, e incerto como também é suposto. Mas real. E se tudo é tão real, inclusivo, toda a irrealidade que concebi, então nada mais óbvio do que me sentir começado e acabado, e no meio, real. Estando onde é o meu lugar, que sei onde é, e onde o desconheço, embora conheça perfeitamente esse lugar que não existe e existe em simultâneo. E vivo, lúcido, sabendo que não o estou.

Mas desde que tudo esteja onde é suposto, nasce em mim o adormecimento perante a vida, e se a resolução do Universo eu sinto em mim, então adormecer acordado é o desfecho óbvio que se sucede.

Sinto tudo muito óbvio, e isso causa um adormecimento alheio que me embala com os seus braços impossíveis e me canta a cantiga do eterno sabendo que nada o é. E adormeço.

Real e irreal. Como se é suposto ser. Como se é.



Viajar

Quero viajar. Andar por aí a viajar.

Porque toda a mais banal conversa é uma enorme viagem, e ao mesmo tempo é a conversa. Porque em tudo o que se a passa algo mais se passa, e tudo o que acontece, acontece várias vezes. Porque o tempo é uma viagem, e existe passado, presente e futuro.

E ao me perguntares se quero um café, vou parar ao Brasil. E se perguntares se bebo com açúcar posso, eventualmente, imaginar algo que ainda não está explicado pela ciência, e elaborar alucinatórias teorias para que o meu mundo faça mais sentido, e isso, isso é viajar, viagens que faço mirabolante e excêntrico, extravagante e maluco. Posso-me lembrar de quando estive metido na cocaína e ter pensamentos que alucinado tive, formular uma conversa dentro da conversa dentro de uma conversa, e tentar resolver o Universo numa só teoria. E depois de milésimos de segundos, volto ao Brasil.

Sim, vou beber com açúcar. – respondi.

E isso não é pensar, é viajar.



Contradições e o que elas são

Não penso. Aquilo que surge, surge. E tudo flui como é suposto fluir. E vivo independente do pensamento.

Nasci de contradições, e formei-me delas o seu antónimo. Porque tudo é nada, e nada é tudo também. E então, anoro algures no meio dos paradoxos que tanto concebi, e vivo alheio ao que é suposto ser a normalidade mental.

Não sou anormal. Sou sim, algo construído fora da normalidade dentro dela. Alguém que apareceu fruto do caos e da colheita dos excessos de tudo. Formei-me como uma onda, lentamente e velozmente, o meio disso, e também das duas maneiras. E finalmente, ao ver a onda rebentar, observo as ondas sabendo que depois de rebentarem, serão quem sou, a origem delas e o seu final, o meio disso, e os dois.

Não sou contraditório, sou a contradição e o que ela não é, logo sou opostos, mas sou eu, por isso nem opostos sou.

Sou o que me tornei fruto de um passado alucinado. E isto que estive a fazer foi explorar-me, talvez me pensando.

Então penso. Não penso. Aquilo que surge, surge.



Sou eu

Emoções são básicas e complexas. E eu que tenho emoções sou básico e complexo. E eu que não tenho emoções sou só complexo. E eu que sou os dois que contrastam, não sou nem básico nem complexo. Sou eu.

Vejo as pessoas a gesticular e aprecio toda a panóplia de emoções que os gestos trazem com eles. E fico inédito a isso. Fico pasmado com isso. E fico algo que fui antes de ser quem sou. E penso e não penso. E olho só os gestos, como banalidades atrativas que examino sem examinar.

E as pessoas falam, e transmitem algo a sentir a outros, e sentem elas próprias algo ao se expressarem, e eu quando me expresso transmito algo e sinto algo, e aquilo que estou a transmitir é outro algo, e o que sinto é algo completamente diferente daquilo, que por definição, é sentir.

Senti tanto de tantas formas que agora sinto da mesma forma todas as formas com que no passado senti. E sinto sem sentir, porque me deixei absorver pelo próprio sentimento, e ele absorveu-se em mim, sendo eu ele, e eu o quem que nele se expõe.

Sinto-me a expressão do sentimento. E então sou emocional, muito mesmo, mas como também não sou, e sou os dois que contrastam, sou eu.



Realidades

A realidade é a realidade. Mas, fugindo à sua definição, a realidade não é a realidade, porque a minha realidade não é a tua realidade, e ambos estamos na mesma realidade.

Realidades que contracenam umas com as outras, conversas banais que expressam uma união de realidades, e com isso, milhões de filosofias nascem, como não ficar maluco?

É claro que fui internado, não percebo como não são todos?

Fora o que existe fora da nossa própria visão da realidade, um sonho que contracena ainda mais com a realidade uma, e que faz aparecer na realidade esboços dele mesmo, confundindo tudo aquilo que se julga real, e tornando real o que não o é, criando em nós, uma nova realidade dentro da realidade, ou seja, realidades dentro das realidades.

Fora quem sou, que é a realidade de outro, e que sou real eu mesmo, porque a realidade que o outro cria é, por si só, uma das várias realidades onde vive. Por isso eu, apesar de ser um produto imaginado, e pressupondo que a imaginação é real, como é, então sou, na minha própria realidade, uma das realidades de uma só realidade.



E ter consciência disto tudo, é sair completamente daquilo que seria suposto ser a minha realidade.

Como poderia eu não ser internado...



Sinto-me muito fundo

Sinto-me muito fundo.

Tudo o que comigo se cruza é fundo. Fundo. Muito fundo.

Sinto uma tal profundidade em coscuvilhices habituais e em triviais banalidades que acabo por me afundar em complexas filosofias sobre o Universo, e em intricados caminhos que me levam a mim próprio numa aventura de autodescoberta.

De maneira que me sinto fundo. Muito fundo. Com qualquer pessoa que me cruze surge uma profundidade desconhecida que me prende aos seus dúbios enigmas. Tudo é muito profundo.

Sinto que cheguei a um qualquer lado onde ninguém está, e estão todos não estando onde estou. Estou fundo. Sinto-me fundo. Muito fundo. Essa é a realidade. Se é que a algo se pode chamar realidade neste sonho eterno e profundo onde entrei. Uma realidade funda.

Mas o ponto aonde quero chegar, é que me sinto fundo. Dentro das divergências de tudo e de todos. Fundo. Muito fundo.



Controlo é fundamental

O reflexo, esse, são reflexos.

Se me vejo ao espelho, vejo alguém que já não é quem vi quando olho para o espelho outra vez.

Uma constante mudança acontece. E eu estou nela, independente, translúcido e outro.

Por isso é tão difícil para mim manter o controlo, mas mantenho. Controlo é fundamental para que a bomba não expluda em pleno município, e me faça fazer algo que se pode chamar de explosão.

Explodir, ir daqui a correr e fugir da polícia, é um cenário possível, mas pouco plausível, devido ao controlo. Controlo é fundamental.

Porque se sou eu agora, depois serei outro fora desse agora, talvez até o completo oposto daquilo que fui, por isso convém ter uma sóbria noção exata de tudo o que em mim se passa, e acontece, para que possa ver os reflexos, sem uma intervenção irreflexa que provoque uma enorme explosão.

Controlo é fundamental.



Panóplia de sonhos

A realidade como um mito que se dissolve na cabeça é uma confusão enorme.

É uma panóplia de sonhos entrelaçados que se unem em conversas. As pessoas andam de um lado para o outro com sonhos. E todos os sonhos se fundem numa mesma realidade, o que é um ponto de vista que faz viajar.

No fundo o que faço é viajar, dissolver-me por completo no que acontece no exterior. Dissolver-me nas pessoas, em sonhos. Tantos sonhos que andam por aí a esquiar nas profundezas, e tantos deles não serão ouvidos fora do sono de cada um.

O que sinto é sobretudo fascínio por tudo, e ao mesmo tempo, uma calma bocejante que se manifesta em cada ação minha, como uma necessidade implícita de estar presente em todos os sonhos.

Sonhar. Ando por aí a sonhar, adormecido pelo mundo que confeciono como uma qualquer receita que carece de livro ou de leitura.

No fundo, ando a sonhar, sonhar muito. E estar consciente da realidade parece prender-me cada vez mais ao que existe fora dela.



E toda a confusão que sinto se resolve sem que se resolva em pequenos olhares fugidios que comigo se cruzam.

Olho, e não é a realidade que vejo, é toda ela entrelaçada naquilo que fora dela existe.

Despercebido

Quero passar despercebido entre a multidão cotidiana.

Ser uma pessoa que anda por aí a dar uns passeios e a filosofar. Nada mais. Querer mais seria ambição e a ambição em mim é nula. Quero viver assim, pensando e não pensando, na vida banal que não faz de todo o meu género íntimo, porque no imo sou completamente louco, como já disse, mas, no entanto, banal. Não quero despertar incidências desagradáveis nem importunar o dia-a-dia das pessoas com que me cruzo. De maneira que apesar de a vontade ser agir como um total louco, fico dentro da concha, quietinho, sem atitudes irreflexas que esbocem o total reflexo de quem sou, para não dar nas vistas.

Quero passar despercebido, sou muito bom a passar despercebido, tirando isso, a vontade de enlouquecer totalmente em esplanada pública cresce demasiadamente em mim, mas estou quieto. Vou estar quietito entre a multidão e não ser um trote das minhas sensações, porque se o for, não passarei despercebido de todo.



Tédio

Não sei o que é que eu ei de fazer. O tédio é óbvio, quase tão palpável como este computador onde escrevo.

Vivi demasiado a vida. E hoje passeio com uma calma que se tornou inata, o que não faz sentido, pois nada se torna inato, é.

Começo a não fazer sentido, e, no entanto, faço. Se calhar o meu problema é pensar demasiado, ou pensar pouco, ou nem sequer pensar, e se calhar pensar que não penso é entrar numa contradição, que não o é se souber que não penso devido à fluência que conheço em mim, e não devido a pensar nisso.

Que é o que acho que se passa, então, o meu problema é não pensar, o que não é de todo um problema, Sabe bem. O problema, esse sim, é este tédio.

Não sei o que é que eu ei de fazer... problema maior, não sendo também um problema, é ter pensado tudo. O que resta é este absoluto tédio.



Deixem-me sonhar

Toda esta consciência de tudo, sem que me sinta consciente de alguma coisa, arruma em mim os delírios e coloca os devaneios em gavetas.

E eu descanso com a serenidade típica de quem chega a casa depois do trabalho, e se deita no sofá. Estou estupefacto com a beleza disto.

Na realidade, por si só, sou um rapaz desempregado, visto como um ninguém, tirando isso todos os sonhos me abrem a porta para lugares impossíveis por onde ando sem que ninguém saiba.

É estranho como tudo, e confuso como nada.

Porque a realidade é esta, e eu sou este, e fora ela, sou tudo, e sendo tudo aquilo que alguma vez sonhei, o que farei eu na realidade?

Tudo o que vier será infinitamente menor do que aquilo que sonhei, daí que encoste a cabeça na almofada, sem ambições, e viaje naquele mundo onde sou tudo.

Deixem-me sonhar. Vou relaxar no sofá da vida, e apreciar nela tudo o que ela se torna sem os braços da realidade.

E uma ou outra vez ir às gavetas e delirar. Porque delirar é uma maneira de estar na vida.



Não sabia o que ia escrever

Não sei o que vou escrever. Sinceramente começo a ficar farto da própria escrita. Não só não sei o que vou escrever, como não sei o que vou fazer.

Sinto a vida como algo sublime, transcendente, único. E de tão a profundamente sentir, acabo por querer partilhar aqui aquilo que sinto. Também para que me conheça melhor, mas tão bem me conheço que o que haverá mais para conhecer?

Sei quem sou. Sou eu. E isso é chato. Porque a introspeção tornou-se algo que não me leva a lado nenhum onde eu já não tivesse estado.

De maneira que ando de um lado para o outro sem que descubra algo para sentir diferente de algo que já tenha sentido. E isso é chato, muito chato, chato.

Mas não me sinto chato, ao falar com as pessoas e ao apreciar nelas toda a pureza do desconhecimento, sinto-me eu próprio um desconhecido. E ao me sentir desconhecido, sinto algo novo.

E ao pensar isto, chego à conclusão que o que é chato é a escrita.

Mas é nela que me coloco. E é ela que proporciona



Tamanha alquimia. Por isso não é chata, é vida.
Mais vida do que isso é estar em constante
autodescoberta ao nos descobirmos, ou
encontrarmos, quem somos noutras pessoas.

E sem saber o que ia escrever, como sempre,
aquilo que flui em mim aqui flui, como este
poema fluiu.

E assim, deve ser a vida.



Doido

Sou um doido. Nem sei o que seria se não fosse completamente doido. Mas é que completamente doido. Doido.

Um doido varrido que pede um café e recebe a chávena com a típica normalidade de qualquer pessoa normal. Fora isso, sou doido, doidivasas, doido, completamente doido.

E digo obrigado e lá vou eu na comunidade andando, levando a minha chávena para a mesa. Ouvindo banalidades. E estando, de posse perfeitamente aconchegada pela normalidade, nela. Não faço um gesto que seja algo mais exaltado, não grito, o histerismo não é de todo o meu género. De todo. E bebo o café tipicamente sem fugir ao mundano rigor da normalidade, e sem fugir da sobriedade. Fora isto tudo sou doido, mas não atiro a chávena a alguém gritando: "sou doido! Não, nada disso, longe de mim andar por aí a passar por doido. Estou muito lúcido para que passe por aquilo que sou, um doido."

Acabo de beber o café e levanto-me não levantando suspeitas da minha doidice. Mas por dentro, enquanto bebia o meu café normalmente milhões de ideias contraditórias, vozes, gritos, alucinações, e conversas paralelas fundiam-se num acepipe de receita caseira para consumo de doidos.



Um enorme doido surgia enquanto eu, o doido, bebia o meu café pausadamente, descansado. Mas completamente doido. Completamente doido. Doido.

Sou um doido, doidamente controlado. Doido.



Amor

Amor desmedido e descontrolado em aéreas ruas, ruas incertas onde a energia é óbvia, amor.

Súbito aviso de que o mundo muda. Mudando assim. Assim. Muda e invade completamente aquilo que existe onde existimos, mudando numa única fuga as fugas de quem somos. Amor excêntrico, extravagante, descomedido, excessivo. Sobretudo excessivo.

Amor excessivamente excessivo que acena com o seu ar superior, porque é superior. Amor é cume. O último arredor conhecido.

E ando por estas ruas amando tudo excessivamente como um maluco amante. A fugir nessa fuga. Nessa fuga de tudo. Amor.

Desmedido. Completamente desmedido. Amo demasiado tudo. E as pessoas que passam são músicas, e as empresas e cafés músicos, e tudo se forma uma orquestra colossal e desmedida sem maestro.

Música por todo o lado, música, assim mesmo, música. Vou nas ruas e ruas aéreas sobrepõem-se e o que oiço é música.

Uma energia tão óbvia como a própria música sobreposta. E essa energia trepa, sim trepa, escala as sensações abruptamente, amor.



Realmente somente o amor pode abrir esta vala óbvia e real. Onde caio. E lá fico. Ouvindo a música. Esta música excessiva,
amor.



Aéreo

Ser tudo. Estar em tudo. Ouvir tudo como se tudo fosse quem sou, onde estou.

Aéreo Universo dentro do próprio Universo. Tudo me soa aéreo. Obviamente aéreo. Porque tudo o que se diz é outro algo que se diz, e tudo o que se ouve é outro algo que se ouve. Tudo sobreposto a tudo, sem deixar de ser o que é. Daí que sinta tudo aéreo, algo imaginário em algo real. Duas ruas na mesma em tudo.

Quero fundir-me com tudo. Estar em tudo ao mesmo tempo.

Quero ser análogo entre ruas. Quero ser a própria analogia que faço. Viver sediado na estância por cima da estância, e nela. Quero estar em tudo, quero por a trela no sonho e andar a passear com o sonho na realidade. Aéreo.

E ao mesmo tempo não sou nada. Nada, assim mesmo, porque todo o excesso de tudo se torna o seu oposto, nada.

Imaginar tudo e pairar nos trapézios das conversas e gestos como um malabarista maluco que controla os objetos, olhando para cima. Fechar os olhos e abri-los constantemente, uma queda constante, uma escalada constante. Tudo e nada em uníssono.



Estou aéreo e consciente de tudo como uma impossibilidade possível, e então subo e desço ao mesmo tempo. E estou aqui e aqui. Porque todos os lugares possuem outros lugares. E quando estamos, estamos noutra sítio ao mesmo tempo. E tudo isto se contorce num enorme sonho, somos contorcionistas da realidade.

Quero navegar enquanto estou. Estar e estar a navegar onde estou. Quero fundir-me com o mundo. Ser ele.

Ser nada. Logo ser tudo. Estar em tudo.



Intensidade

Tudo tem de ser intenso. Muito intenso.

Farto de banalidades. Se converso contigo quero sentir uma explosão, um enorme corrupio de emoções sem trela a extorquir as trivialidades e a expor sensações intempestivas.

Quero viver tudo intensamente, com a intensidade que é precisa para provar a vida.

É preciso intensidade. Uma enorme intensidade em tudo, colocar intensidade nas mínimas coisas e ações.

Tornar o banal intenso. Sentir sem avessos. Mergulhar sem saber se vimos ao de cima. Ofegar por completo em cada ação.

Ofegar a vida, apertar-lhe o pescoço e largar. Respirar intensidade.

Partir copos constantemente na vida.

Tudo tem de ser intenso. Muito intenso.



O meu mundo

O mundo origina-se na minha cabeça. Um mundo dentro do mundo real, porque tudo aquilo que sou é um mundo dentro desse outro mundo onde realmente existimos.

O mundo real desaba e então durante esse desabamento outro mundo se forma, o meu mundo.

Mundo esse disperso, lógico, ilógico, racional de tão pouco racional o ser, impossivelmente racional. As premissas, buscas dentro do suposto impossível, tornam-se conclusões delas mesmas, suprimidas conclusões de uma única conclusão, um admirável mundo novo.

Onde existo e penso o Universo, e nem o penso, Porque surjo no meu próprio Universo fruto da minha criação.

Todas as fórmulas matemáticas e explicações científicas não podem formular ou explicar aquilo que crio. E talvez poderão. Somos um conjunto de átomos prestes a chegar a algo maior do que nós mesmos, e procurar caminhos para lá chegar mais cedo é explorar aquilo que de explicação carece. E aí, todo o tipo de explicações existe e nasce como uma necessidade de auto-encontro e encontro do lugar onde estamos, todos nós, inseridos. Daí que o meu mundo seja algo análogo ao próprio mundo, totalmente diferente dele. Onde me



imagino mil pessoas diferentes. Que conversam entre elas para chegar a conclusões mais lógicas, sobre o Universo geral.

No meu mundo. O meu mundo.



Desaparecimento

Acordei e estava livre. Logo depois, acendi um cigarro e fumei-o à janela com o típico café. Longe de qualquer travo de pensamento.

De repente cai em mim. Quem sou eu? Na realidade nem fui eu que fiz essa pergunta, foi outro. E eu nasci na cabeça dele. Lembrou-se de mim.

Eu que sou uma pessoa como qualquer outra, precisei de ser lembrado da minha própria existência.

Existo. E como e bebo. Mas só estou no mundo do André de vez em quando. Sou independente de quem me criou, vivo independente dele.

Quero passear, ir daqui para onde as pessoas me mostram algo que fui. Acendem uma espécie de lâmpada adormecida que anda frouxa até que alguém se cruze comigo.

Sou imerso nas sensações de outra pessoa, o que seria doloroso se a dor não fosse já um produto qualquer ilusório. Sinto dor. Mas de tal forma conheço e vivo no seu oposto que acabo por ficar na bolha entre a dor e o que ela não é, caindo em mim quando sou chamado à realidade.

– Já lhe levo à mesa. – disse o bartender, relativamente à cerveja que pedi. E por



instantes sumi de qualquer pensamento ou mundo que exista.

E durante esse desaparecimento respondo, sentindo-me raptado por mim mesmo, liberto de amarras sociais ou do Universo.

– Muito obrigado! – E nessa resposta sinto quem sou, a genuinidade plena que existe quando a liberdade é óbvia, e quando sem que me permita, porque acontece independente de permissão, desapareço dentro de mim na frota de vários barcos que se desconhecem e apenas existe mar sem que exista.

Sentei-me. Volto então a mim, e a todos os cadeados alucinatórios que desencadeio, sem que desencadeie, pois aparecem.

E aguardo a minha cerveja esperando sumir outra vez, sem que peça para que isso aconteça, simplesmente, acontece.

Tal e qual como quando acordo. Ainda no sonho.



Extremamente lúcido

Estou consciente. Extremamente lúcido.

Voltei a um passado onde estive e isso leva-me na viagem de quem fui.

Consciente, muito consciente, lúcido.

Todo o excesso de pensamentos é o meu pensamento, e não pensando, o meu pensamento não existente, que suponho existir na própria não existência, é o fruto de todo o tipo de pensamentos divergentes que tive. Quando digo que não penso, é porque pareço estar apenas agarrado a um único pensamento, logo todos os outros pensamentos que tenho, estão fora de mim. Alheios a mim. Estrangeiros a mim.

Tenho o meu pensamento, que é nenhum, por ser apenas um que é nada. Ajo em função de algo que flui sem que pense, e se essa fluência for pensamento, então tenho um pensamento fluido que me leva a agir longe dele, com ele.

Algo que aconteceu antes na minha vida, antes da despersonalização que julguei perpétua.

Daí que tenha voltado onde estive.

Consciente, muito consciente, lúcido.

Extremamente lúcido.



Nada

Questionar tudo poderia ser aflitivo, se eu me preocupasse com aquilo que questiono.

Já questionei tanto tudo, que a realidade me parece os subúrbios da periferia de onde realmente estou.

As perguntas deixaram de surgir, fugi delas, mas ainda aparecem, porque tudo em mim existe, e a existência é já uma prova dela mesma, não é preciso tanto raciocínio para chegar lá, existo, e por isso questiono. É a natureza humana. Mas como me acho dono das respostas, as perguntas perderam significado, e o próprio significado, em si mesmo, questionei, e nem respostas tenho para tudo apesar de ter achado que as tenho, e ter dito acima que as tenho. As perguntas surgem e não surgem. A apática forma com que as recebo, é uma maneira de fazê-las dissipar nelas mesmas, daí que surjam, mas é como se não surgissem. Era a fuga de que falava. A fuga de tudo. Uma fuga de tudo.

A aflição é distante. A calma é sonora. E a metáfora desnecessária.

E fuga para aonde? Não fujo de nada. Estou onde estou sem que fuja, fugir é para gazelas, e como não sou uma gazela, obviamente não fujo de nada. Uma fuga de nada. Apenas nada.



Estou aqui

Estou aqui. Por aqui. Aqui.

Aqui onde alguém está. Onde estou. Ao menos as manias de não saber onde estava tornaram-se fugazes vapores. E agora dei perfeitamente onde estou.

Estou aqui. Aqui. E tu ao leres isso, estás aí, na tua realidade diferente da minha.

Por isso ao leres isto estarás a assimilar isto na tua realidade. A tua leitura é aquela que fazes de ti mesmo. Onde quem escreve é alguém que conhece a sua realidade, já a tua é a tua.

Se falar em dor, vais interpretar como a tua dor ou sentir compaixão. De qualquer forma sentirás sempre algo teu.

Eu, conformado com isso, quando leio algo interpreto de mil formas, o que se torna exaustivo, e confesso, que se torna difícil seguir um raciocínio plausível em função daquilo que é real.

Mas pelos menos sei onde estou. Estou aqui. Por aqui. E tu, agora, estás aí, aqui.



Genuíno

Genuíno. Sou genuíno. E isso é o que mais me orgulha.

A minha genuinidade faz com que não tenha doenças de alma ou opiniões controversas de consciência.

Então entorno-me na poesia como um copo que água entorna, imagem nítida que quero transparecer, cristalina como cristal lapidado.

O meu estilo são vários estilos, um pouco como as realidades, mas em todas elas sinto a genuinidade típica de poeta, a mentira é inimiga da arte. Pois só se pode expor por completo quem completo se sente.

Artista? E de que maneira. E de que maneira esta arte passa despercebida.

Às vezes acho que o melhor é ir desta para melhor, mas de tão lúcido me sentir parece que mais vale aproveitar ao máximo a vida, parece-me uma decisão sensata de uma pessoa minimamente racional.

O suicídio não nasce do raciocínio, surge na vontade de não sentir mais aquilo que se está a sentir na realidade.

Mas se sinto isso, outra realidade apaga esse sentimento. E com ela brota outra vontade, que



é a de viver. Viver ao máximo, e expor-me todo,
completamente.

Entornar-me todo, completamente.

Ser eu em tudo o que acontece, completo no
que se sucede, completamente.

Ser genuíno. E eu sou.

Genuíno.



Búzios

A minha vida é um autêntico sonho.

Cada memória que tenho é um sonho. Porque tudo o que a realidade é faz-me conhecer nela o sonho.

E ando intercalado entre a realidade e o sonho. E estou nos dois ao mesmo tempo. Tudo o que o meu passado é, é fruto de um enorme sonho. Uma alucinação puramente real que me demonstra quem fui. Quem sou.

E toda a vida se torce em fugazes olhares, com o futuro sem qualquer rotina a acontecer sem que eu saiba ou queira saber aquilo que ele se torna.

E vivo, no momento, ouvindo o futuro nos búzios.

Porque a vida é um mar, e a metáfora real. Um mar autêntico. Fluido, agreste, onde navega quem sonha. Não me interpretes mal. É um mar para os sonhadores. Quem não sonha está destinado à chatice caricata da realidade. Eu navego, muito.

E tudo o que oiço é já alíneas das minhas feições. Porque pertença ao sonho. E se ao te ouvir, sonho, vejo-te em mim como alguma parte desse enorme mundo que criei.



É preciso ouvir os búzios, e sonhar.

Tornar a vida a inesquecível jornada que ela é,
navegando.



ÍNDICE

Sinopse	3
Discoteca	4
Impossível	7
É manter a lógica em dia	8
Não sei	10
Não vou fazer um escândalo	12
Fome	13
Estou sóbrio e farto da realidade	15
E assim nasce um poema	16
O meu estado atual	17
Porque aqui sonhei	19
Estou cá e acolá	21
Aborrecimento	23
Calma	25
Imaginação	26
A ponte	27
Real e Irreal	28
Viajar	29
Contradições e o que elas são	30
Sou eu	31
Realidades	32
Sinto-me muito fundo	34
Controlo é fundamental	35
Panóplia de sonhos	36
Despercebido	38
Tédio	39
Deixem-me sonhar	40
Não sabia o que ia escrever	41
Doido	43
Amor	45
Aéreo	47
Intensidade	49
O meu mundo	50
Desaparecimento	52
Extremamente lúcido	54
Nada	55



Estou aqui	56
Genuíno	57
Búzios	59

André Gaspar



André Gaspar tem 29 anos e estudou Ciências da Comunicação. Filmou e editou casamentos e eventos para: Hermès, Avon, o Banco Atlântico, entre outros. Trabalhou na Omnicam4Sky e na ProTV Dubai onde filmou entre outros eventos, jogos de futebol, corridas de cavalos e natação.

As suas principais inspirações são Fernando Pessoa por toda a sua complexidade, Rimbaud pela sua dicotomia jovialidade/maturidade poética, e Camões pela genialidade métrica. Nos tempos livres procura aproveitar a vida, fazer música, escrever, namorar, passear, aprender novos desportos e estar com amigos. Hoje em dia lê apenas poesia e procura desafiar-se diariamente para que os seus poemas se tornem cada vez mais complexos e emotivos. O seu interesse pela poesia surgiu após a leitura do "Opiário" de Álvaro de Campos.



Colecção

digit@lmente

Título: **Terra**

Autor: **André Gaspar**

Edição: **Catarina Lemos em Maio de 2022**

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contactos:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997

